

AGRAMATICALIDADE NA DERIVA: PERCURSOS PARA IMAGINAÇÕES ESPACIAIS

Renata Lanza
Doutoranda da Faculdade de Educação da Unicamp.
Grupo de Pesquisa: Laboratório Audiovisual OLHO
lanzare@gmail.com

Caio Gusmão Ferrer de Almeida
Graduando da Faculdade de Tecnologia.
Grupo de Pesquisa: Laboratório Audiovisual OLHO
nubgeo@gmail.com

DERIVA FORMULAÇÕES

Neste texto apontamos percursos acerca das relações entre vídeo (cultura visual), a cartografia e o espaço buscando processos de invenção espaciais alternativos pelas/nas imagens de nossa cultura, em especial nas extremidades do vídeo e do som.

Adentramos na deriva em vídeos experimentais a cerca da cartografia e do espaço dialogando com:

[...] inventar uma vida e um pensamento capaz de pensa-la em seu processo de invenção. [...] O pensamento, neste movimento que é o da vida, é tomado por uma ‘estranha inquietude’, que lança sobre si mesmo, ‘horizonte movente’. Isto de tal maneira que transborda o continente (Godoy, 2008, pg. 52).

Apostamos aqui numa alternativa potente para pensar o espaço e a cartografia em vídeo com grande força poética e/ou de desarticulação como o Vídeo Deriva-S, com outras possibilidades para a cartografia e as imagens deslocarem das dimensões comunicativas ou informativas rotineiramente vinculadas e apresentadas no âmbito escolar. A partir de conceitos da Internacional Situacionista e suas proposições, principalmente no que diz respeito à construção de situações e participação ativa dos "espectadores" para possibilitar vivências e outros olhares. Com isto, realizamos uma atividade escolar com alunos do 6º ano em uma escola municipal da cidade de Campinas. Nessa atividade, os alunos caminharam num parque com mapas diferentes do local onde estavam e os mesmos gravavam vídeos desses percursos com a intenção de dialogar Doreen Massey:

[...] imaginar espaços para estes tempos, como poderíamos buscar uma imaginação alternativa. Penso que o que é necessário é arrancar o ‘espaço’ daquela constelação de conceitos em que ele tem sido, tão indiscutivelmente, tão frequentemente, envolvido (estase, fechamento, representação) e estabelecê-lo dentro de outro conjunto de ideias (heterogeneidade, relacionalidade, coetaneidade... caráter vívido, sem dúvida) onde seja liberada uma paisagem política mais desafiadora (MASSEY, 2008, p.34-5).

As experimentações entre vídeo e espaço, a cartografia e as imagens captadas pelos alunos numa edição possibilitassem exercitar estas invenções e/ou lançar-se a este horizonte. Sendo assim, na edição do vídeo, os elementos narrativos, de representação, de documentação que são utilizados rotineiramente para informar e orientar o

espectador foram deformados, rasurados, deslocados e desconstruídos. “Em outras palavras, a obra faz entrar em deriva a linguagem – audiovisual – e a parcela de real que nela ganha existência” (Oliveira Jr, pg. 1).



Figura1. A fala, escrita efêmera. (cena vídeo Deriva-S).

Nesse processo, desorientamos quem assiste, para outras dimensões e/ou situações, onde arrastamos o espaço e a linguagem audiovisual para um devir errante no vídeo. A linguagem deriva em desvios e ruídos, nas imagens e sons, “compondo uma zona indiscernível” (Oliveira Jr, pg. 2). A cartografia realiza-se no vídeo como um espaço movente, com multiplicidades, adentra numa postulação da experiência traçando uma “relação rizomática”, entres os sons e os alunos filmados, onde os elementos múltiplos com fragmentos e repetições que se combinam com arranjos inesperados, para logo em seguida repensar e questionar estes arranjos, redefinindo-os em novas experiências e configurações. E as “tentativas para interpretar [...] que, de facto, só propõe a experimentação” (Deleuze, 2003, pg. 19), como obras fragmentadas e inacabadas.

A deriva que abordamos tanto na prática educativa como na relação videográfica seria uma apologia para a experiência da cidade, da geografia e do vídeo (da imagem), que poderia ser praticada por qualquer um. Desconstruindo algumas estruturas e noções de espetáculo, que distanciam a vivência e a prática das pessoas no espaço pelo vídeo. Rotineiramente o vídeo ou a cartografia é empregado como comunicação ou informação

sobre o local ou uma experiência, de forma a documentar e explicar aquilo que se vê deixando a imagem ou a vivência a um momento nulo.

Com as práticas situacionistas:

É formado a partir da experiência desse terreno e a partir das construções existentes. Deve tanto explorar os cenários atuais, pela afirmação de um espaço [...] lúdico tal como a deriva o reconhece, quanto construir outros, totalmente inéditos (JACQUES apud I.S., 2003, p. 15).

Estas experiências e modos de percepção ou a própria deriva que aponta para a “construção de situações, isto é, a construção concreta de ambiências momentâneas da vida, e sua transformação em uma qualidade passional superior [...] e os comportamentos que ele provoca e que alteram” (DEBORD, I.S., 2003, p. 54), que estaria ligada a experiência ou a prática geográfica e cartográfica, relacionada com acontecimentos de vida com corpo, pensamento e mundo com existência pela e nas imagens.

DESCONSTRUÇÕES, OUTRAS CARTOGRAFIAS

Cartografias situacionistas:

[...] mapeiam esse universo como não sendo de ordem única. Por outro lado, as cartografias situacionistas buscam desorientar, desfamiliarizar, provocar uma visão por um ângulo inusitado. Por outro lado, e mais significativo para o argumento aqui, buscam expor incoerências e fragmentações de próprio espacial (MASSEY, 2009, p. 162).

Estes mapeamentos e fragmentos dialogam com proposições desconstrutivas dos situacionistas e das extremidades do vídeo, “essas experiências introduzem a ideia de estranhamento, de desautomatização e do não-familiar” (MELLO, 2008, p. 132). Atuando como fissuras para formas habituais, como na cartografia situacionista, como o vídeo Deriva-S. O vídeo entra neste estado de deriva e mapeia o universo não sendo de uma ordem única, funcionando e traçando um mapa rizomático, entre as imagens e sons dos alunos. No vídeo estes recortes e fragmentos da linguagem audiovisual excedem as possibilidades e apontam o poder de dialogar com a educação, o vídeo e a geografia dentro de si mesmos.

A partir dos vídeos dos alunos tínhamos um roteiro provisório que se contaminou com experiências desconstrutivas do vídeo, que “tem interesse em ampliar as potencialidades discursivas do próprio meio.” (MELLO, 2008, p.116) em propostas enunciativas. Criamos um roteiro flutuante sobre o percurso e o percorrido. Não queremos saber se quem garantiu o deslocamento ou a identificação para os alunos foi o local ou o mapa, queremos traçar linhas deste movimento pelas imagens e sons, “de um mapa a outro, não se trata de busca de origem, mas de uma avaliação dos deslocamentos. Cada mapa é uma redistribuição de impasses e aberturas” (DELEUZE, 1997, p. 75). As imagens dos alunos apontam para “o que fazem ou tentam fazer: exploram os meios, por trajetórias dinâmicas, e traçar o mapa correspondente” (DELEUZE, 1997, p.73). E como a deriva, traça a cidade formas de corresponder-se e de “ampliar a parte não medíocre da vida, de diminuir-lhe ao máximo os momentos nulos” (JACQUES apud DEBORD, 2003, p. 56).



Figura 2. Inventar paisagens-cenas no vídeo (Cena vídeo Deriva-S)

Os trajetos e todo o aparato técnico são confundidos com o próprio meio, pois um reflete no outro. “confunde-se com seu objeto quando o próprio objeto é movimento” (DELEUZE, 1997, p. 73). No vídeo notamos que os objetos, sejam eles o trajeto, o mapa e os alunos, tudo torna-se movimento, imagem. Aqui as imagens deixam de ser representativas, constroem ambiências que tendem para os extremos ou limites. No vídeo Deriva-S temos um processo criativo onde imagem, som e palavra conectar-se entre si. Vamos para os limites que provocam desvios e ruídos, numa intensificação, nas imagens que delirando são destituídas de seus significados.

A montagem do vídeo e a disposição das imagens nos mostra que estamos diante de um tipo diferente de vídeo que não se apresenta com uma forma clássica, narrativa e documental. A primeira cena tem efeito de colocar-nos em alerta para nos confundir ou enganar. É como algo estranho, as imagens provocam zonas de variações, o universo é como uma trama de relações em movimento, as imagens combinam-se em arranjos inesperados, para logo em seguida repensar e questionar estes arranjos. As imagens cambiam num devir, por entre intensidades imagéticas e sonoras, onde há uma abertura pela imagem na imagem. Dependendo de quem assiste é decepcionante, pois se espera um esclarecimento, mas, o vídeo nos leva além de um enredo, nota-se que as intensidades arrastam o vídeo para fora de seus “sulcos costumeiros, leva-nos a delirar” (DELEUZE, 1997, p. 9). A linguagem é arrastada, e as imagens provocam derivas, nos buracos e bifurcações constantes. Apontam as incoerências e fragmentações. Como caminhar errante por uma cidade. Quem assiste perde todas as suas referências.

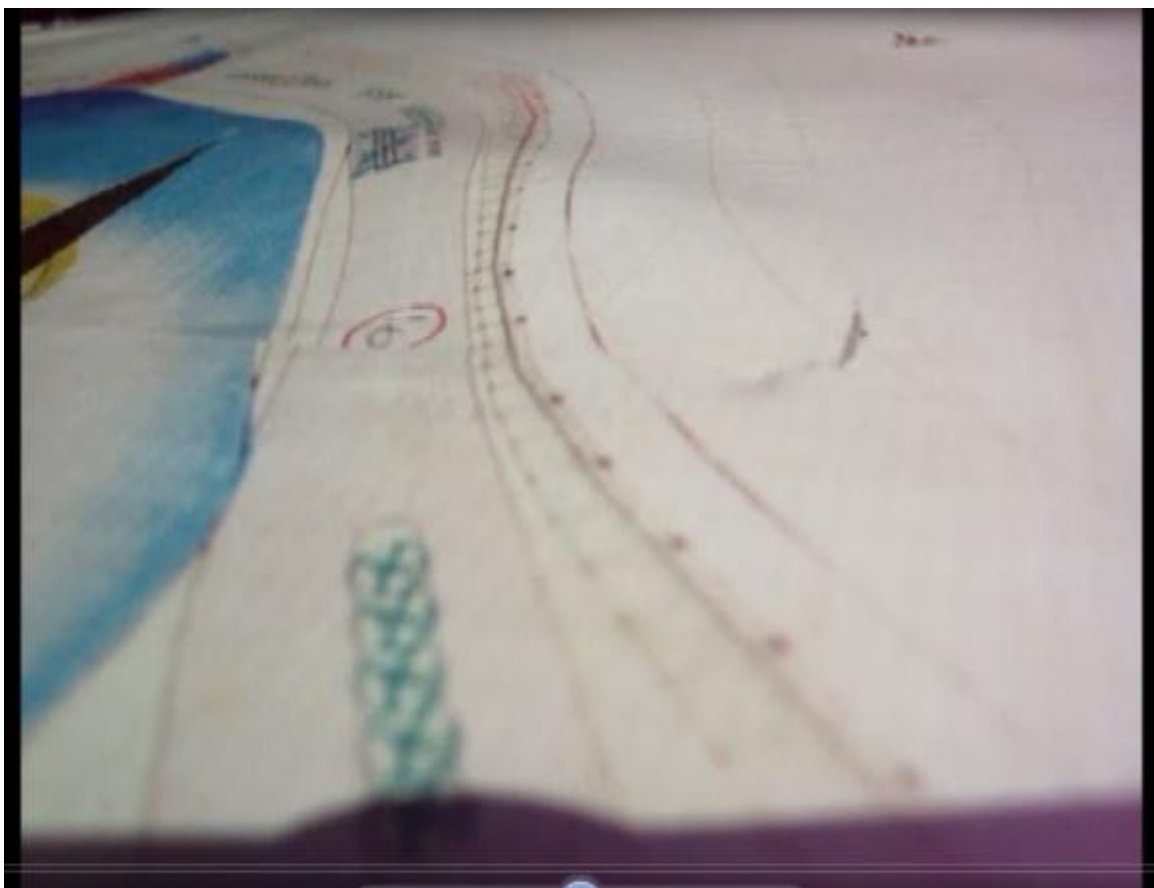


Figura 3. Extremidade do aberto (cena vídeo Deriva-S)

Recortes de uma experiência como um processo, como proposição e diálogos sobre os “mapas como representação de uma estrutura essencial. A representação ordenadora” (MASSEY, 2009, p.159). São estas questões que nos mobilizam para pensar a linguagem e como ela pode tecer outras formas, são impasses, inquietudes que provocam fissuras. Este recorte ou fissura “não é nada que compromete o corpo, mas ela não cessa menos de se e de valer quando confunde sua linha com a outra linha” (DELEUZE, 2007, p. 164). Os recortes dos trajetos ou são entradas novas para as imagens ou ainda para o mapa, a imagem e o vídeo, como “um mapeamento (e um espaço) que deixa aberturas para o novo” (MASSEY, 2009, p. 163). Os trajetos aqui são estes recortes e suas combinações, são as imagens apresentadas no vídeo Deriva-S. Estas imagens e recortes de percepções, como um mapa do rizoma, têm trajetos que fazem “do imaginário um devir” (DELEUZE, 1997, p. 77). Este mapeamento pelo vídeo é que possibilita fissura numa forma rotineiramente empregada de representação seja ela no mapa, na imagem ordenada e que informa sobre algo ou alguém.

Quem assiste ao vídeo espera formas que irão informar a experiência educativa dos alunos com aos mapas. Mas os alunos como o espectador, já estão num processo de deriva, de forma lúdica entram nestas imagens e nos mapas, que se repetem, destes sons que falam e desconstruem a narrativa, “estes devires que encadeiam-se uns aos outros segundo uma linguagem particular [...], ou então coexistem em todos os níveis, segundo portas, limiares e zonas que compõem o universo inteiro” (DELEUZE, 1997, p. 11). O vídeo não espera encontrar uma forma (identificação, localização, sentido), mas encontrar zonas de vizinhança com condições de criar outras formas de dizer e experimentar a linguagem e a imagem, com o que somente ela torna possível. Esta

"própria concepção de fusão da arte com a vida aponta para a dissolução das esferas estéticas nas atividades cotidianas" (MENEZES apud MELLO, 2008, P. 117).



Figura 4: Cena Deriva(S)

AGRAMATISMO NA DERIVA

Encontrar-se ao acaso, entrar numa deriva. É a fórmula do vídeo Deriva-S, ao espectador é colocado em imagens e sons que formam um bloco inarticulado, “um sopro único. A esse respeito tem a mesma força, o mesmo papel que uma fórmula agramatical” (Deleuze, 2011, pg. 91). No vídeo apontamos a desautomatização dos sentidos e o integrar outras linguagens, “em primeiro lugar seu caráter contagioso: Bartley [como o Vídeo Deriva-S] “torce a língua” dos outros” (Deleuze, 2011, pg. 93). Neste efeito que recai sobre o vídeo com noções de contaminação e impureza das formas.

São algumas proposições para fazer o gaguejar, murmurar e soluços da linguagem audiovisual e sonora. Através do contato com experiências com eletroacústica e música concreta, como o som e a trilha sonora, as falas podem ter uma caráter de “indicação que deixa o leitor o cuidado de efetuar” (DELEUZE, 1997, p. 122) são propostas do vídeo Deriva-S com os sons captados pelos áudios das câmeras, como trabalhar o som e retirar seu caráter de enredar o sentido das imagens. E como apontar para a língua da criança, dos alunos afoitos por descobrir um lugar, por explorar topografias e orientações sem sentido. No vídeo o som, as falas percorrem uma zona de variação compreendida num movimento particular, articulando e desarticulando.

Estes estilos de música concreta que inclui junção de partes ou fragmentos sonoros são algumas apostas do vídeo de potencializar “outro tipo de imaginário, não mais calcado na pureza digital” (MELLO, 2008 p. 125) momentos de experiência desviante, com formas híbridas impostas num âmbito digital.



Figura 5. Mapas de algum lugar (cena Deriva-S)

No vídeo são muitos momentos que percebemos estes ruídos, alguns exagerados como no caso de um samplear (algum trecho ou fragmento obtido de algo maior) como o ruído de um aluno que se repete ao longo do vídeo ou o diálogo sobre a experiência de andar com um mapa diverso do local que estávamos. Nesse diálogo, a fala “representante da língua maior” (DELEUZE, 1997, p. 125) atinge uma verdade documental, mas editamos esta fala com repetições e sons inaudíveis, e essa repetição revoga o caráter de memorização, desmente o que foi falado, para deixar de ser informativo. O não preferir dizer, informar ou comunicar do vídeo faz com que tudo seja arrastado e recusa

“[...] para tornar o outro impossível. A fórmula é em dois tempos, e não para de se recarregar a si mesma, repassando pelos mesmos estados. Por isso [...] a impressão vertiginosa, a cada vez, de que tudo recomeça do zero” (Deleuze, pg. 95).

O que fazemos é “inventar um uso menor da língua maior na qual se expressam inteiramente” (DELEUZE, 1997, p. 124) minoramos a língua, como Deleuze aponta em seus diálogos com obras literárias que criam outras línguas. “Como na música, onde o modo menor designa combinações dinâmicas em perpetuo desequilíbrio” (DELEUZE, 1997, p. 124).

Sendo assim, o vídeo possibilita desviar o olhar, com sobreposição de mapas, com palavras e textos rápidos. Este procedimento de estranhamento e de tensão, buscam apresentar como Lucas Bambozzi “o processo criativo [...] entre aquilo que

metaforicamente podemos articular como defeitos” (MELLO, 2008, p. 129) para transcender os sentidos e reinventar uma lógica poética e visual.



Figura 6: cenas Deriva (S)

DERIVANDO

Ao derivar as experimentações, as imagens, à cartografia escolar e as conexões estáveis e habituais com outros sentidos o vídeo adquire outros universos de sentidos e pensamentos e sensações, as margens da cartografia e extremidades se contaminam com música, arte e literatura, realizando aproximações múltiplas e rizomáticas, quem assiste ao vídeo é suscitado a todo o momento a pensar estas variações e se conectar aquilo de outra forma, causando estranhamentos. O vídeo arrasta a cartografia para outros territórios mais experimentais e ativos, derivas audiovisuais com os sentidos e sensações, que oscilam entre imagem e imaginações, variam causando novos pensamentos, propondo situações para a cidade relacionada com acontecimentos de vida com o corpo, pensamento e mundo com existência nas imagens e no som.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, **Kafka – Por uma literatura menor**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica** / Gilles Deleuze; tradução de Peter Pål Pelbart. – São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **Diferença e repetição**; tradução Luiz Orlandi, Roberto Machado. 2º Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

_____. **O que é a filosofia?** Tradução de Margarida Barahona e António Guerreiro. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

GODOY, Ana. **A menor das ecologias**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2008.

- JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade / Internacional Situacionista / Tradução Estela dos Santos Abreu. – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. **Dossiê – A educação pelas imagens e suas geografias**. ProPosições, vol.20, no. 3 Campinas set./dez. 2009.
- _____. **Grafias do Espaço**: imagens da educação geográfica contemporânea. Ed. Alinea, 2011.
- _____. Mapas em deriva: imaginação e cartografia escolar. **Revista Geografares**, nº12, pg. 01-49, julho, 2012.
- ORLANDI, Luiz B. L. Deleuze – entre caos e pensamento. **Conexões: Deleuze e imagem e pensamento e...** / Antonio Carlos Amorim, Silvio Gallo, Wenceslao Machado de Oliveira Jr. – Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq, 2011.
- MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas e pós Cinema**. Campinas: Ed. Papyrus, 1997.
- MASSEY, Doreen. **Pelo espaço** – uma nova política da espacialidade. 2º Ed. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2009.
- MELLO, Christine. **Extremidades do vídeo** / Christine Mello. São Paulo: Ed. Senac. 2008.